

CRÔNICA BROXANTE

É preciso muito ódio e recalque para escrever uma crônica como esta. Afinal, se não incomoda, não é literatura.

não encontrei o que procurava e me perdi. abri a porta da geladeira e dei de cara com a constatação: quantas vezes ainda abrirei esta porta? A loucura nunca está tão longe quanto supomos.

escrever em primeira pessoa é uma fraqueza, uma canalhice de quem nunca conseguiu entender porque as pessoas correm tanto de um lado para o outro.

Não acredito em mim, tampouco nas baboseiras que escrevo. Afinal, o que importa é sempre desconfiar da linguagem.

Sei que estou meio broxa, engordei 10 quilos em 2 meses. Meu médico me mandou fazer caminhadas metafísicas do lado da lagoa podre, do brejo da Pampulha. Eu não tenho mais 20 anos, tampouco as ilusões, todas assassinadas antes do por do sol. Sou meu próprio cadafalso em praça pública. E todos torcem pelo alzo dos meus dias de entorpecentes. Bosta.

Não tenho medo, apenas a certeza do quanto me vendo por tão pouco. Perdi o lirismo broxante dos 18 anos, aos 30 me ferrei com a balconista... Isso não tem importância agora. Hoje, sou o projeto ambulante de um hipertenso de meia-idade e meia tesão suicida.

Mato a pauladas grávidas que cruzam meu caminho, um Marlboro antes, durante e depois.

Escrever para esquecer, esquecer para escrever. E sigo nessa cachaça, sabendo muito bem como tudo irá acabar.